

ALEMANHA POR PORTUGAL

ASPECTOS: NEXOS E CONEXOS – (XVIII, XIX) XX, XXI

Fernando Ribeiro

CHC-FCSH/UNL

Aspectos: Nexos A – XVIII-XIX

0. Eça de Queiroz: «conhecer a personalidade interna pelas exterioridades do corpo»^[1]

Eça de Queiroz, o escritor de verve pujante, não subestimava o valor da (sua) arte como catalisador das reformas de que corpo nacional, tanto em crise económico-financeira quanto política, carecia. Os seus contributos patentes em «As Farpas», «estudos de moral contemporânea» sob a forma de «notas apressadas» registram «apontamentos de costumes» como os relativos à mulher portuguesa, urbana, burguesa, lisboeta, objecto de educação refinada à inglesa podada para, em redoma, ficar privada do «pó da vida»^[2].

Eça de Queiroz critica, porque «só se critica aquilo que se respeita» (2004:412). Na verdade, no respeito pela mulher do seu país, está tão somente inserto o respeito pela sua nação cuja geração de 1893 pretende seja não só formada pelas suas mães – as meninas de 1872 – como pelos «livros, as ideias, as ciências, o espírito positivo, as revoluções» (2004:413). Bastaria atender à luz de modelos europeus; fosse a mulher portuguesa como a mulher inglesa que tanto reza como passeia (2004:414) «firme serena e prática (...) [com] a personalidade bem firmada, a coragem, os instintos positivos. », (2004:417) a fim de o seu espírito comungar

¹ Eça de Queiroz, *As Farpas*, Cascais, 2004, p. 415.

² Eça de Queiroz, *As Farpas*, Cascais, 2004, pp. 3, 427; 429. Principia em Março de 1872, data de publicação do 11º caderninho de capa alaranjada (M. F. Mónica, Introdução in E. Q., *op. cit.*, p. 1) de *As Farpas*, com o subtítulo «Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes», Eça de Queiroz com pouco mais de um quarto de século (27) de idade, tendo já participado nas Conferências do Casino em Maio de 1871 e à beira de ser nomeado cônsul em Cuba e poder viajar para os EUA, peremptório, assevera ensinar o realismo «a conhecer a personalidade interna pelas exterioridades do corpo» (id., *ibid.* p. 415).

«da invenção, da espontaneidade, da altiva liberdade» (2004:417); não ficasse atrás da mulher francesa, alemã, inglesa, com quem o próprio escritor se havia já deparado «nos mais ásperos países, nas ruínas e nos desertos, nas montanhas da Judeia, nos desfiladeiros do Mar Morto! (...) – de consciência altiva e de razão serena. (2004: 418-9); tomasse a mentira, atávica em Portugal, tal qual qualquer mãe inglesa, francesa ou alemã a tomava: como uma ofensa.^[3]

Subjacente estará juízo de desagrado relativo ao seu Portugal por ver quanto na capital: «Lisboa a vida é lenta» cheia de «um frio senso prático» e de «preocupação exclusiva do útil» sem «ambições explosivas» nem «convulsões dos cérebros industriais». Para Eça de Queiroz não haveria dor maior que viver em capital tão «silenciosa de» dia quanto de noite, sem constatar pensamento, crítica, sofrimento ou luz abalando-lhe a imperturbabilidade da prudência, da «economia do medo» e sem lhe toldando de vez «o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas» espelhado nas suas casas. Preferia fosse emulado exemplo das europeias Paris, Londres, New York, Berlim [que] suavam e trabalhavam, «em espírito»^[4].

1. Link: *[língua de Portugal]* «acresce ainda (...) é falada em muitas regiões de África, na Índia, na China, etc., ou seja, é como o francês na Europa.»^[5]

Em *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, Kiel: in der neuen Akademischen Buchhandlung, 3 Bände. (1801-04), Heinrich

³ Id., *ibid.*, pp. 412-3,, 417, 418-9, 421. A sua preocupação decorre naturalmente do valor que atribui à educação da mulher porque futura mãe e dona da casa, cuja importância deriva de penetrar profundamente com o seu temperamento, instintos e ideais no homem a ser (id., *ibid.*, p. 413). As *meninas solteiras* de Lisboa seriam de corpo flácido e frouxo inadaptado ao exercício, tão pálido quanto deprimentemente atreito à preguiça no sofá, na cadeira ou ao passinho miúdo circunscrito ao Chiado e suas fronteiras (id., *ibid.*, p. 414). Atacadas pela gula e pela *toilette* apenas «comem doce e alface» persistindo em acumular «sobre a cabeça um fardo, (...) que não deixa arejar o crânio» (id., *ibid.*, p. 415). Senhoras de curiosidade, não eram ensinadas a potenciar este instrumento de toda a acção de civilização, de ciência, indústria entre outros, permitindo até reduzirem-se à sua acção no seio da esfera familiar (id., *ibid.*, pp. 421-2) não exigindo aos colégios frequentados fosse a educação transporte da estéril literatura para «as sérias leituras da ciência» (id., *ibid.*, p. 425).

⁴ Cf. Eça de Queiroz, *Prosas Bárbaras* – introdução Jaime Batalha Reis, Porto, Liv. Chardron, Lello&Irmão, 1928, pp. 105, 100, 103, 101.

⁵ Heinrich Friedrich Link, *Notas de uma Viagem a Portugal e através de França e Espanha*, -tradução introdução e notas: F. Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005, p. 296 [Heinrich Friedrich Link, *Bemerkungen auf e. Reise durch Frankreich, Spanien u. vorzügl. Portugal*, 3 Bde., Kiel: in der neuen Akademischen Buchhandlungen 1801-1804].

Friedrich Link^[6] também aprecia a mulher portuguesa que comunga dos «defeitos» [sic] das etnias do sul: «estatura demasiado baixa e uma tendência para uma figura forte e rude». A gentileza de Link revela-se ao apreciar-lhe a fisionomia, a «natureza viva e amável, olhos muito belos, cabelo invulgarmente comprido e forte, dentes muito brancos, um peito opulento e cheio, e pés extraordinariamente bonitos». Não esconde igualmente o apreço pela «gente do povo» cuja «verdadeira cortesia desinteressada» elogia, sem ignorar a «forma ignóbil como os estrangeiros se permitem tratar os habitantes», os quais se deixam contratar por aqueles como verdadeiros bandidos^[7].

Regista singular constatação – «a vida de um português é um pormenor insignificante», porquanto decorrente do modo como via as autoridades agirem a propósito de pequenos desastres por contraste face aos grandes, únicos estímulos para grandes reparações – pois sabe quão confrangedora a situação da nação na viragem para o XIX cujos «maus caminhos » obrigavam à utilização de «carroças

⁶ Heinrich Friedrich Link, doutor em Medicina e Ciências Naturais pela Universidade de Göttingen, (1789), professor em Rostock e também em Breslau, foi, em 1812, director do respectivo Jardim Botânico; nomeado Professor de Botânica na Universidade de Berlim, foi igualmente director do correspondente Jardim Botânico, gerindo acervo de 14 000 espécies (1843) e correspondente prestígio mundial. Dominando árabe e sânscrito, publicava poesia e sobre história da língua; sendo médico expedito não descurava o estudo das ciências naturais, química, física e também zoologia(mamíferos). Viajou pela Suécia (1823), Grécia(1833), Itália (1842, 1844, 1847) e Portugal(1797-8). [cf. *Deutsche Allgemeine Biographie* em ; <http://www.deutsche-biographie.de/sfz51682.html>]; recebeu do Duque de Mecklemburg autorização para acompanhar por dois anos (1797-1799) o Conde de Hoffmannsegg a Portugal (id., *ibid.*, p. XI), o «reino que, para nós alemães, por pouco não é o mais desconhecido de entre todos os países europeus» (id., *ibid.*, p. 293), a fim de estudar a flora portuguesa.

⁷ Id., *ibid.*, pp. 128; 127. Link compila igualmente elementos acerca de Lisboa, cujo «mau policiamento» destaca a par da sujidade abundante resultante da ausência de regulamentação e gestão urbanas por parte do Intendente de Polícia, o qual subestimando pedagogia esclarecedora de outros portugueses, permitia que a capital se colocasse «abaixo de Constantinopla» (id., *ibid.*, pp. 121-3). Denuncia também a inépcia do tipo português que, associada à genuína compaixão, também esmoler, alimenta a ousadia de malfeitores e mendigos da capital, para onde acorrem todo os «inúteis das províncias» na esperança de saírem-se bem como acontece com o caso peculiar dos galegos – aguadeiros e taberneiros de Lisboa (id., *ibid.*, pp124-5). Link observa ainda quanto a «nação inteira (...) adora uma série de cumprimentos» atestando o que a língua portuguesa falada pelo «vulgar homem do povo tem muito de bem educado e elegante» (id., *ibid.*, p. 127). E não descarta o louvor de «enorme e ousada obra de arte, os arcos do aqueduto»(1748), ou o modo como os doentes são bem cuidados e tratados no «hospital real de S. José»(1755-58) porque o considera «muito bom» e por seguramente achar quanto «os médicos portugueses são muito bons» (id., *ibid.*, p. 141) e as farmácias portuguesas merecerem «mais do que as críticas que alguns viajantes lhes fizeram sem uma análise cuidada.» (id., *ibid.*, pp. 141-2).

ruins» em nada contribuindo para uma melhoria da economia portuguesa; a qual, no seu entender bem poderia melhorar caso a «pesca fosse devida e convenientemente desenvolvida» para que a sardinha, abundante na costa portuguesa, continuasse não só como fonte e complemento de alimento popular básico como também enquanto matéria prima para fomentar indústria de óleo de peixe e assim afrontar o monopólio inglês do comércio do bacalhau seco e salgado em Portugal; a exportação e a redução de importações seriam igualmente potenciadas se com «dinamismo» a «pecuária (...) uma grande riqueza de Portugal» fosse acompanhada do desenvolvimento das indústrias de carne e de lacticínios tirando partido da diversificação dos mercados de exportação aplicável também à produção de frutícolas como as laranjas cuja «maior parte vai daqui para Inglaterra ou daqui é levada por navios ingleses e depois vendida noutros portos»^[8].

Enaltecendo o valor do «povo vulgar», e sem nunca menosprezar «a beleza nórdica», confessa vislumbrar o quanto a beleza sublime em Lisboa se alcançaria quando se juntasse «o fino pórtico nórdico (...) às vantagens de um clima meridional», a fim de conservar *mutatis mutandis* o que de poético na língua portuguesa tanto admira: «força e agilidade»^[9] e cuja proficuidade última para a cultura alemã seria de assimilar, porquanto língua de Portugal «acresce ainda (...) é falada em muitas regiões de África, na Índia, na China, etc., ou seja, é como o francês na Europa. »

2. Lichnowsky: (...) cujo remédio logo se descobriria se a capacidade de trabalho, o investimento na indústria visassem a concretização da auto-suficiência e se constituísse elite pacificadora da nação.^[10]

Em 1843, é publicado *Portugal: Erinnerungen aus dem Jahre: 1842*, da autoria de Felix von Lichnowsky. Relato de viagem efectuada em Portugal entre 24 de Junho e 5 de Agosto desse ano: Lichnowsky testemunha o deslumbramento por paisagens como as do vale do Mondego, da Serra de Sintra, dos vales do Minho ou da Mata do Buçaco (Lichnowsky 1843:317:385-7; 352-3) e como a desfrutada

⁸ Link, *op. cit.*, pp. 144, 119-120, 113. Link nada acrescenta em defesa da aristocracia portuguesa cuja ausência de sentido de risco e de nobreza explicaria o respectivo «último degrau de entre a nobreza europeia» (id., *ibid.*, p. 128) apenas por nunca se ter sabido distanciar da «constante e opressiva proximidade inglesa» (id., *ibid.*,). Falando «relutantemente de assuntos políticos» (id., *ibid.*,: 146), não deixa de denunciar dependência de respectivos Ministério de Portugal e Porto de Lisboa das autoridades inglesas (id., *ibid.*, pp. 145-6).

⁹ Link, *op. cit.* p. 296.

¹⁰ Felix von Lichnowsky, *Portugal. Erinnerungen aus dem Jahre 1842*, Mainz, Verlag von Victor Zabern, 1843, pp. 187-200; 90; 89-90.

em Lisboa à noite e à beira Tejo (id.: 70) ou em plena Serra da Arrábida com o seu Conventinho.^[11]

Dois detalhes singelos:

- a) o coche real puxado por três parelhas de cavalos lusitanos é proficientemente conduzido pelas ruelas apertadas de Lisboa por cocheiro inglês;
- b) a remonta do exército que bem poderia deixar de importar cavalos britânicos para o seus serviços, devendo antes incorporar a criação nacional de Lusitanos,^[12]

que, acrescentados à particularidade acerca do diplomata britânico – Lord Walden, comparado a um «pró-consul romano em território asiático ou africano» –, atestam a perspicácia de Lichnowsky ao associar as causas da crise financeira portuguesa de então à dependência comercial e política de Portugal face a Inglaterra.^[13]

Denuncia a importância de criar:

- a – vias de comunicação terrestre pavimentadas em que Portugal era falho, pois apenas dispunha de uma no Litoral-Centro: Lisboa-Sintra – e de outra a Norte: Coimbra-Condeixa;
- b – vias férreas;
- c – vias fluviais: Tejo e Mondego;
- d – portos internacionais como os de Lisboa, Setúbal, Porto melhor apetrechados,

a fim de aperfeiçoar quer o comércio interno quer o comércio internacional e potenciar a exportação de produtos de excelência como o sal marinho, a cortiça, o azeite, a fruta, o vinho e outros manufacturados que haveria de procurar exportar, porque adutores de mais valias comerciais^[14] para induzir o progresso no país cujo remédio logo se descobriria se a capacidade de trabalho, o investimento na indústria visassem a concretização da auto suficiência e se constituísse elite pacificadora da nação, caso o bom exemplo de Pombal se continuasse no ministério de Costa Cabral e se considerasse urgente dotar o ensino universitário

¹¹ Id., *ibid.* pp. 317; 385-7; 352-3; 70.

¹² Id., *ibid.*, pp. 181-2; 117.

¹³ Id., *ibid.*, pp. 83-4; 87-8; 312-3.

¹⁴ Id., *ibid.*, pp. 75; ; 392; 373; 240-3; 317; 253-5; 339-40; 336; 311; 254; 44. Nesta obra, o povo português continua sendo apresentado na sua indigência cultural, moral e económica sendo a capital particularmente descrita segundo os mesmos critérios, pois a imundície constante em nada abonaria a favor de Portugal (pp. 1843:160; 382; 187-200; 90; 67). O príncipe condena igualmente a aristocracia, apreciadora da paradigmática festa brava, na qual vê reflectidos uma aristocracia de luxo tão inutilmente garbosa quanto indigentemente preguiçoso o povo que dela dependeria; considera assim ambos parte de sociedade portuguesa representada ora nas Câmaras ora no teatro da ópera da capital cujos frequentadores seriam tão indignos quão falsos nos seus juízos quer políticos quer musicais (id., *ibid.*, pp. 67; 89; 90; 147:156-7).

conimbricense de áreas como o direito administrativo, a silvicultura ou a geologia. Louva por isso a obra do Palácio da Pena, a mando de D. Fernando II e sob o risco do arquitecto Barão de Eschwege – qual símbolo do futuro auspicioso que vislumbra para os dois reinos da Prússia e de Portugal:

Ein breiter Weg, teils gemauert, teils in den Fels gesprengt, führt in vielen Krümmungen über eine Zugbrücke zum äusseren Schloßtor, über dem die königlichen Wappen von Portugal und Sachsen in erhabener Arbeit so fest angebracht sind, daß wohl allen Stürmen auf diese luftigen Höhe widerstehen und durch Jahrhunderte vereint auf Land und Meer herabschauen werden. (Lichnowsky 1843 :276) [Um caminho largo, em parte murado em parte rasgado na rocha, conduz-nos por entre muitas curvas e através de ponte levadiça até às portas do palácio sobre as quais impendem as armas reais de Portugal e da Saxónia, executadas tão solidamente que não haverá nestes cumes ventosos borrasca a que não resistirão deveras enquanto unidas vigiarem ao longo dos séculos por terra e por mar.] ^[15]

- ¹⁵ Id., *ibid.*, pp. 187-200; 90; 89-90; 238; 274-5; 276. Na verdade, não será a obra de Lichnowsky em apreço mero relato imparcial (id.: 81), pois a sua vinda a Portugal, tendo em vista o reatamento das relações diplomáticas da Prússia com Portugal prendia-se com a sua presença diplomática à abertura das cortes (id.: 162), tal como atesta o §10 constante do ofício nº23 de 11 de Maio de 1842[in Correspondência Diplomática –Legação de Portugal em Berlim-Caixa 1: 1842-44 – in Arquivo Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros Lisboa.] fazendo parte do correio diplomático do Barão de Renduffe para o Duque da Terceira:«Por uma carta que o príncipe Felix Lichnowsky me escreveu do seu castello de Ratibor em Silésia na data de três do corrente, vejo que sua majestade está disposta a visitar Lisboa e suas imediações nos princípios de Junho, pedio-me carta de introdução que prontamente Lhe dei do mesmo modo que o encarregado de negócios d’Inglaterra para Lord Howard de Walden. (cf. ofício n.º 23 de 11 de Maio de 1842)». Admite ser a obra relato de viagem ou caderno de viajante, porque nunca deixou de Lhe interessar obter «perfil» o mais possível abrangente e verdadeiro da sociedade lisboeta coeva, acolhendo por isso agradado convite do Duque de Palmela – o qual considerava desempenhar o «papel principal ao leme do estado» (Lichnowsky, *op. cit.*, p. 141) – para assistir a corrida de touros em Alhandra (id., *ibid.*, p. 195). Não obstante, não se considera mero observador armado de pena na mão destinado a redigir manual de direito público, mas antes homem hábil a manusear o punhal no que respeitasse os assuntos régios:„(. . .) ich schreibe kein staatsrechtliches Handbuch und kann in königlichen Fragen nur als Soldat mit dem Degen, nicht als Kritiker mit dem Feder auftreten.“(id., *ibid.*, p. 25) – [Não redijo um manual de direito público e em questões régias só posso apresentar-me como um homem de armas, não como um crítico de pena na mão.] A sua visita coincide com o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal e a Prússia (E. Strasen, A. Gândara, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlin: Instituto Ibero-Americano, 1944, p. 362) e com a pretensão de assistir à abertura das Cortes (Lichnowsky, *op. cit.*, p. 162) de Portugal renascido em 1842 com a restauração da Carta devido ao reforço da autoridade régia por intervenção de Costa Cabral que, segundo Oliveira Martins, «já não carecia de chamar os soldados ingleses» porque «o trono ganhava raízes à medida que as do Setembrismo apodreciam» (Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*. Vol. II. Lisboa:Guimarães 1996, pp. 126-8), ainda que em termos financeiros o reino não fosse o mais atraente para o investimento estrangeiro (id., *ibid.*: 136). A oportunidade da visita e

respectivo relato coincide afinal com a negociação do tratado comercial entre Portugal e a Grã Bretanha em Junho de 1842, o qual pela mão do Duque de Palmela em muito contribuiria para o desejado reconhecimento internacional de Portugal (M. Fátima Bonifácio, *D. Maria II*, Lisboa: Temas e Debates. Bonifácio 2007:178). De facto, as nações vitoriosas constituintes do Congresso de Viena (1815) nunca se deixaram de preocupar com os movimentos revolucionários quer em Itália quer na Península Ibérica com vista igualmente a escoar a sua produção industrial (V. SÁ, *Lisboa – No Liberalismo*, Lisboa: Livros Horizonte, 1992, p. 13); nunca esteve longe dos seus horizontes debelar quer «veleidades liberais nascentes nesses territórios europeus» quer «ideias e prática revolucionárias francesas» (A. P. Manique, *Portugal e as Potências Europeias* (1807-1847). Lisboa: Livros Horizonte 1998, p.: 15). Inglaterra preocupava-se em manter a supremacia europeia e internacional (Manique 1998:15); não aceitando inicialmente quer os movimentos liberais portugueses durante Setembro de 1820 quer os sucessos de Janeiro a Março de 1820 que levaram à queda de Fernando VII de Espanha e respectiva restauração da Constituição de Cádiz (id., *ibid.* p. 23), a Inglaterra não interessava instabilizar quer os mercados ibéricos, fulcrais para a sua soberania económica e internacional, a qual contava com os mercados das colónias portuguesas e espanholas, quer o seu poderio sobre o Mar Mediterrâneo (id., *ibid.*, pp. 24; 20); contava por isso com a acção diplomática favorecendo casamentos com pares de ascendência germânica próximos da coroa inglesa, como aconteceu com D. Fernando II – sobrinho do rei da Bélgica e primo da rainha Vitória -, a fim de impedir a influência dos reinos do Norte europeu, não tão avançados industrial, económica e comercialmente (id., *ibid.*, pp. 25-6), para deste modo consolidar o Império Britânico. (id., *ibid.*, p. 31); bastava-lhe por isso assinar tratado de comércio com Portugal (1842), consolidar o livre-câmbio assente na preservação do seu estatuto de nação comercialmente mais favorecida que outras – como por exemplo a Prússia cujos portos do Mar Báltico bem gostariam de fazer comércio com Portugal continental e ultramarino (id., *ibid.*, p. 85). Portugal estaria por certo na mira da política comercial da Prússia, pois poderia contribuir para o crescimento económico e político da Alemanha, ao satisfazer, por exemplo, as suas necessidades em matérias-primas como o algodão. Por outro lado, também não desprezaria singrar para novos mercados, a fim de assim beneficiar do reconhecimento político internacional de que carecia. O barão de Renduffe, ministro Plenipotenciário de Portugal em Berlim, ao informar o Duque da Terceira por ofício – n.º 5, datado de 2 de Março de 1842, no seu 2.º § [in Correspondência Diplomática –Legação de Portugal em Berlim-Caixa 1: 1842-44 – in Arquivo Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros Lisboa.] -, do interesse do Barão de Werther – Ministro dos Negócios Estrangeiros da Prússia – «sobre a feliz mudança de sistema» no reino de Portugal, atesta bem tais interesses mútuos. O papel determinante do reino da Prússia no seio da União Aduaneira (*Zollverein*) não era desconhecido de Portugal, igualmente motivado em comerciar com as nações do Báltico e, através destas, com as da Europa Central como deixa referido Renduffe no (ofício n.º 8, §5 de 16 de Março): «Há poucos dias chegou a esta capital o Duque Reinante de Nassau e V. Exª não ignora que os negócios provenientes da Liga das Alfândegas fazem com que estes Príncipes interessados concorram muitas vezes ao Centro desta Liga». Portugal estava por isso apostado em aperfeiçoar as relações bilaterais: «Tenho a declarar que a generalidade dos princípios de Direito marítimo e mercantil que este governo proclamou desde 1822 faz com que todos os portos da Prússia estejam abertos às embarcações procedendo de países

3. List: Portugal [pelo] Tratado de Methuen (1703), [pelo qual] ficava reduzido à condição de exportador de matérias-primas e importador de produtos manufacturados produzidos e comercializados por Inglaterra.^[16]

E a Prússia valia seguramente, também para Portugal, como estado de grande prestígio em virtude por exemplo da sua organização militar, como refere Barão de Renduffe de Berlim para Lisboa em despacho diplomático de 1842^[17]:

Porquanto dava seguramente corpo às enaltecidas *constância e regularidade* prussianas que por certo suscitarium o mais decidido acolhimento em Portugal.

[18]

Percebemos estar o fulcro de toda a questão no *poder*: sua aquisição e administração^[19]. No caso vertente, o poder de Inglaterra, o qual crescia exponencialmente à época devido à gestão sábia da capacidade inglesa para produzir, proteger e negociar os bens que comercialmente transacionava entre continentes – assim o revela Friedrich List (1789-1846) – economista de renome internacional, conselheiro de vários governos europeus e incansável defensor do caminho de ferro

amigos, sem casta alguma de excepção odiosa. (ofício 21, §3, 4 Maio, 1842) (...) A ordem ministerial de Berlim de 26 de Abril de 1838 declarou que à nossa bandeira se deveriam carregar direitos extraordinários e estes só, (...) e das causas gerais da decadência da nossa navegação no Báltico, de sobejo explicam a não aparição de embarcações portuguesas nos portos da Prússia. » (ofício 21 §5 de 4 de Maio, 1842). Porque taxas portuárias e tarifas aduaneiras mais baixas em tudo contribuiriam para promover as trocas comerciais e os ganhos advenientes para negociantes e respectivos estados.

¹⁶ F. List, *Das nationale System der politischen Ökonomie*. Baden-Baden: Nomos Verlagsgesellschaft, 2008, p. 139-143.

¹⁷ “Tenho principiado alguns trabalhos sobre a organização militar deste reino, para o que já estou em contacto com pessoas que me podem dar os demais esclarecimentos e dados necessários – mas como convinha enviar a íntegra de algumas leis, assim como de instruções e de regulamentos cuja adopção se me afigura iminentemente útil (...)”, ofício nº 8, §7, 16 de Março 1842 [in Correspondência Diplomática –Legação de Portugal em Berlim-Caixa 1: 1842-44 – in *Arquivo Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros*, Lisboa].

¹⁸ «Como sobre os orçamentos que aqui se publicam anualmente nenhuma averiguação ou fiscalização haja ou possa haver porque o governo apresenta o quadro da receita que melhor lhe convém para justificar novos sacrifícios, caso estes se exijam, ou o alívio de alguns: é impossível por isso e pelo segredo que se guarda em todos os objectos governativos, ajuizar verdadeiramente até que ponto é sólida ou aparente a prosperidade financeira Prussa: os encargos são grandes, porém a ordem das suas operações denota que o sistema adoptado e que de longo tempo segue com constância se não conduziu já este país à regularidade que ele ostenta em breve o conduzirá lá quando o equilíbrio do mundo se não venha a transformar (...)» (Ofício nº15, §5, 13 Abril 1842).

¹⁹ F. List, *op. cit.*, p. 130

– em obra intitulada *Das nationale System der politischen Ökonomie* e publicada em 1841. Como exemplo gritante deste facto F. List denuncia o caso de Portugal, o qual, em virtude da dependência em que se deixara ficar perante a Inglaterra, permitira a ruína da sua incipiente indústria ao assinar o Tratado de Methuen (1703), pelo qual ficava reduzido à condição de exportador de matérias-primas e importador de produtos manufacturados produzidos e comercializados por Inglaterra; tirando partido do seu estatuto de estado comercialmente privilegiado, a Inglaterra reencaminhava os metais preciosos vindos das colónias portuguesas para os mercados da Índia e da China onde os trocava por bens manufacturados a negociar posteriormente na Europa por matérias primas, favorecendo assim o brutal saldo negativo da balança comercial portuguesa^[20].

O poder de Inglaterra poderia então, segundo List, ser superado através do *comércio livre e da livre concorrência*, bem doseados no tempo e no espaço; o desenvolvimento nacional ficaria então garantido, como era disso exemplo o sucesso obtido nos Estados Livres da América do Norte, que tão bem haviam sabido quer confederar a sua indústria quer conjugar a produção agrícola com a actividade comercial adentro das práticas de livre comércio (id.: 376); List defende obviamente a união dos países ambiciosos como a Alemanha, a Holanda, a América do Norte, a fim de superarem em riqueza e poder a Inglaterra, a qual sempre soubera criar procura para os seus produtos ao torná-los indispensáveis a ponto de gerarem os esperados lucros (List 2008: 127-8; 131-2; 182; 378-80)^[21]. E no caso de Portugal, aponta a respectiva adesão ao grupo dos que cultivassem o amor ao trabalho, à ordem, à eficiência económica e à moderação, insistência e perseverança na investigação e nos negócios, aspirando emular:

– cultura alemã empenhada no *equilíbrio europeu*, na resistência à *supremacia marítima e comercial inglesa* e na paz duradoura, porque

– União Livre entre poderes *menores e ambiciosos* continentais assim edificada, evitaria a guerra à medida que, através do comércio livre, se concorreria aos mercados emergentes da América do Sul e das Índias ocidentais e Ásia – territórios nos quais era importante promover a cultura europeia, transformando a antipatia inicial em simpatia, o conflito em harmonia, uma vez ser

– vantajoso privilegiar as importações e exportações recíprocas de e para novos mercados devendo para isso também lançar mão de acordos de patrocínio cultural, científico, humanitário, fomentando *inclusive* a política de emigração e povoamento sobretudo nos territórios da América Central e Sul.^[22]

²⁰ F. List, *op. cit.*, pp. 139-43, 127-8; 131-2.

²¹ Id., *ibid.*, pp. 376; 127-8; 131-2; 182; 378-80.

²² Id., *ibid.*, pp. 155; 376-78; 386-7; 388-9; 390-1.

Constatamos a importância do fomento das relações bilaterais apoiadas em políticas culturais e sociais com vista a incentivar a *energia*,^[23] conceito tão fulcral em List e de que Portugal tanto careceria – entusiasmo, concentração, não eram exactamente as características mais marcantes da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX –, a ponto de, com ponderação e autonomia, contribuir, logo em 1841 para a união pacífica e económica da Europa liberal.

4. *Eça de Queiroz: «Europa aparece-nos como uma sala de hospital»*^[24]

Na Inglaterra, porém, a ingente crise industrial, têxtil e metalúrgica, – sendo paradigma de toda a Europa –, seria, segundo Eça de Queiroz, causa da degenerescência, da sofreguidão em guerra comercial entre nações intervenientes no mercado, da utilização da propriedade agrícola em propriedade cinegética, fruto da promoção do livre comércio com nações especializadas no sector primário, das classes rurais em industriais.^[25]

Não menos deixava a crise de estar patente além-Reno, porquanto de acordo com Eça, a «torre de incomensurável força», a Alemanha de Bismarck, estaria perdendo a sua «mocidade burguesa e agrícola para a Inglaterra e a América», de tal modo a competitividade da putativamente próspera indústria dependia da «pequenez dos salários» geradora da «decadência moral e física do operário», o qual espelhava, ainda por Eça de Queiroz, o quanto a «disciplina de quartel», «uniformizando o alemão no corpo e na alma», «diminui-lhe a individualidade moral, como lhe anula a coragem civil. » Asfixiada por impostos elevados, não sabendo como resistir à mesquinhez das profissões liberais, a burguesia alemã da inteligência perderia tanto mais em distinção e liberdade e genialidade quer literária quer filosófica quanto mais mergulhava na erudição e na arqueologia. Ao mesmo tempo, entrava em cena enquanto «grande Minerva» armada, porquanto

²³ Id., *ibid.*, p. 392

²⁴ Eça de Queiroz, «A Europa» in *Notas Contemporâneas* – fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 143.

²⁵ Id., *ibid.*, pp. 144-5; inevitável portanto a natural crise político-social, na qual seria patente o quanto a riqueza honesta havia cedido o lugar à especulação potenciadora do «amor ao luxo», do «gozo da ostentação», da rarefação do trabalho – não da força respectiva (id., *ibid.*, pp. 144-5). A crise europeia, ainda segundo Eça de Queiroz, reflectir-se-ia igualmente na ansiosa França em busca quer do enriquecimento veloz, à custa da lotaria em que a indústria se havia tornado, quer do «Krach» bolsista quinquenal, quer ainda do chorudo mercado imobiliário, os quais não favoreceriam a República cuja administração corrupta já não seria depositária da «haute honnêteté française» cada vez também mais cercada pela miséria, «cocottismo» e «ideologismo» fraticida de «plebe democratizada até ao fio» (id., *ibid.*, p. 145).

desse papel precisava a sua nação para se precaver quer do «urso moscovita» quer do «petulante galo francês» – a Alemanha, ainda que torre «compacta e maciça», apresentaria, para os entendidos da época, unidade «quebradiça», porque vulnerável ao «particularismo» condicionante.^[26]

«A Europa», das nações, apresentar-se-ia, sob olhar lépido e proficiente coevo, «medonha»; no entanto para o escritor Eça de Queiroz, «crítico» ou «humanitário», nada de «pavoroso» se vislumbriaria no horizonte. A Europa, nunca havendo deixado de viver pela crise, de que o «enfraquecimento da virtude, da moral, da religião, do patriotismo, da segurança pública» sempre haviam sido manifestação «natural» e «regular» – e, simultaneamente, preocupação cabal dos seus «homens cultos» –, não poderia eximir-se à natureza irreversível da própria vida, à ordem da própria natureza cuja força «não tem um fim» nem a determinação moral ou imoral, mas tão somente a guarda de ritmo binário, pela qual a «sucessiva acumulação do esforço, do trabalho, da virtude, do génio, da poesia, da coragem de cada geração que passa» fará a sociedade guindar-se para o progresso, a ser por sua vez ponderado «nesse século XX» – aguardado – pelas maiores divulgação e realização dos saber e justiça, respectivamente^[27].

Virtude e espírito, ainda para Eça, poderiam ser obnubilados em fase invernal da Europa da época, mas surgiriam resplandecentes em época vindoura e primavera pelo florescimento de «liberdades e de noções» perfilhadas pela nova humanidade.

A sua fé na Europa radicaria sobremodo tanto na consciência do respectivo «caos horrível de contradições» como na presciência de «um novo mundo, o mundo da justiça social e económica», que a faria justamente superior aos Estados Unidos da América^[28], porque apostada em construir a «nova humanidade

²⁶ Id., *ibid.*, p. 147. E Portugal, sofrendo de «todas as enfermidades da Europa», acumulava ainda mal ingénito – de comum com a Grécia – pois não cuidava de evitar que a eloquência degenerasse em «loquacidade» e «verborreia» em vez de dirigir o barco a bom porto. (id., *ibid.*, 149)

²⁷ Id., *ibid.*, pp. 149-50.

²⁸ A época em que Eça, o portentoso vaso americano aportado em Lisboa, escrevia sobre «Miantonomah» (1866) [in, Eça de Queiroz, *Prosas Bárbaras*, – Introdução de Jaime Batalha Reis, Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão Ltd., 1928] a América do Norte significava precisamente «fé, heroísmo, indústria capital, força, matéria.» (id., *ibid.*, p. 71), embora adulando o «deus Dollar», assolada por «febre quasi dolorosa do movimento industrial», mergulhada em «filosofia e moral egoísta e mercantil», de horizontes com tons do «útil e do económico», sem deixar de ser o posto entre Europa e a Ásia com acesso ao Atlântico e ao Pacífico (id., *ibid.*, pp. 75-6). Os Estados Unidos vingariam então como paradigma de «ideal liberal, democrático, e (...) ideal económico.» (id., *ibid.*, p. 76). Mas também como

sobre o direito, a razão e a justiça»^[29]; Alencar «proferirá» (1888) defesa do melhor governo segundo «democracia humanitária» guiada por génios vislumbrando quer a fraternia entre os povos quer os «Estados Unidos da Europa»^[30] com o intuito de acordar país esquecido da perseverança liberal; também nesta obra o escritor visa sem metáforas ou metonímias o Portugal – qual belo jardim da Europa, nas palavras de Alencar a necessitar de reformas e que teria de deixar de importar tudo: «leis, ideias, filosofia, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas» como acusa agora Eça, porque também «há talentos, há saber» – agora nas palavras de Cohen^[31]. Em vez de um Portugal em cuja capital da «pequenez» e do «caruncho» grassava o «apodrecimento moral», o «rebaixamento social» a «perda inteira do bom senso, desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, » Eça de Queiroz proclama nas palavras de Eça o quanto imperioso era recomençar “uma história nova, um outro Portugal, um Portugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização como outrora”, segundo o «génio português» iluminado por elite que lhe «dirigisse a literatura, educasse o gosto, elevasse a política, fizesse a civilização, (...)» .^[32]

B – XX-XXI

1-Em 2010, a AICEP apresentava em relatório, as dez maiores empresas alemãs exportadoras em Portugal: os três primeiros lugares eram ocupados por Bosch Car Multimedia; Continental Mabor: indústria de Pneus e Continental Teves Portugal – sistemas de travagem. Em 5º, 6º, 7º e 10º lugares surgiam respectivamente: Gabor Portugal: indústria de calçado; Grohe Portugal-Componentes sanitários; Preh Portugal (componentes electrónicos para a indústria automóvel); Volkswagen Autoeuropa. Em finais 2012, segundo a AEP e a Coface Serviços de Portugal, a Volkswagen Autoeuropa com sede em Palmela – 1 646 milhões € de

exemplo funesto de «desuniformidades» entre «aristocracia financeira» e «democracia de proletários», porque nada fazia para pôr cobro ao «feudalismo industrial» (id., *ibid.*, p. 78). Para o jovem Eça o paradigma dos EU da América do Norte era simplesmente passível de ser enriquecido, com a mais valia europeia exemplo de fomento das «ciências históricas», por considerá-las a base profícua das «ciências sociais» (id.: 77). Não obstante, a nação americana jamais perderia a sua inata «força fecunda», havendo no essencial, demonstrado já ser capaz de, deixando positivismos de lado, lutar «por um princípio, pela justiça, (...)» contra a escravatura, pela liberdade e pelo direito» (id. *ibid.* p. 80).

²⁹ Id., *ibid.*, p. 77

³⁰ Eça de Queiroz, *Os Maias*. Lisboa: Livros do Brasil, 2004, p. 166.

³¹ Id., *ibid.*, pp. 166, 178; 167; 109-110; 167.

³² Id., *ibid.*, pp. 532; 68; 521.

volume de negócios empregando 3600 trabalhadores – ocupava o topo de uma pirâmide de 16 degraus; segue-se-lhe a Continental Mabor – indústria de pneus em Vila Nova de Famalicão – 597 milhões € de volume de vendas com 1533 trabalhadores; em terceiro lugar surge Bosch Car multimédia Portugal, Braga – 586€milhões gerados por 1832 trabalhadores; em quarto aparece Siemens, Amadora, – 491 milhões gerados por 1146 trabalhadores. A sucursal da Enercom em Portugal, Viana do Castelo, com 272 milhões € e 310 trabalhadores antecede Bosch termotecnologia de Aveiro com 240 milhões€ e 1093 trabalhadores – e a GrohePortugal – componentes sanitários em Albergaria-a-Velha com 132 milhões € e 826 trabalhadores. Preh, Schenker-transitários –, Coindu – componentes para automóveis –, Gabor – calçado – ou Schmitt-elevadores –J. F. P. F., J. R., M. C., V. A., «Os alemães são nossos amigos»» *Expresso*, Lisboa, 10Novembro2012, cad. economia, p. 18 – são outros exemplos extraídos desta lista de excelência, que poderia ser complementada com os casos de Filkemp (1998), Mem Martins segundo J. F. Palma-Ferreira em «Estudo: o que fazemos bem: Rei da Linha de Pesca» – *Expresso*, Lisboa, 22Junho2013, cad. economia p. 23 – produção de poliéster e poliamida aplicada a vestuário e a artes de pesca respectivamente, ocupando o 26º lugar em 40 segundo estudo da consultora Augusto Mateus & Associados para o *Expresso* com o objectivo de realçar os quarenta produtos de excelência produzidos pela economia portuguesa – e de Brose (1984), Tondela, filial de multinacional alemã líder em mecatrónica aplicada aos sistemas de fechaduras para automóveis, sendo exportadora para Europa, EUA e China, segundo A. Ferreira em «Estudo: o que fazemos bem: É sempre a abrir» – *Expresso*, Lisboa, 6 Julho 2013 cad. economia p. 13 – ocupando o 28.º lugar em 40, segundo de acordo com o estudo da citada consultora.

Na verdade, entre as oitenta empresas mais exportadoras destacadas pela edição de *1000 Maiores Empresas – edição 2012*, *Expresso* (p. 58) deparamos com nove empresas alemãs: Autoeuropa (2.º), Continental-Mabor (9.º), Boschtermotecnologia (44.º), Grohe (60.º), Fisipe (63.º), Bosch Car Multimedia (64.º), Continental Teves (69.º), Enercon (70.º), Mahle (79.º). Somente Fisipe (24%) e Boschtermotecnologia (66%), Boschmultimedia (82%) Mabor (88%) sobressaem deste grupo por não exportarem 90 a 100% da sua produção portuguesa para a UE (id. p58). Constatamos situarem-se as grandes empresas alemãs no sector electrónico, de máquinas e outras ocupando em vinte os três primeiros lugares: Autoeuropa (1.º), Bosch Car Multimedia (2.º), Siemens (3.º) – Enercom (9.º), Boschtermotecnologia (15.º). No sector Indústria Química: Continental Mabor (2.º) e Bayer (16.º). Também no sector Indústrias Têxteis, Vestuário e Couro: Fisipe (4.º) Gabor (10.º) (id. 52-23); no sector Comércio: Siva (10.º), Mercedes-Benz (17.º) (id., *ibid.*, p. 51).

Hoje em dia a Alemanha é o segundo maior parceiro comercial de Portugal, mantendo cerca de trezentas empresas contribuindo enormemente para o PIB português, J. F. P. F., *op. cit.* p. 18 *Expresso* 10 Novembro 2012 cad. economia. 18.

2 – O cluster automóvel proporciona justamente à produção portuguesa de moldes de aço para plásticos o lugar de excelência na UE; com efeito a Simoldes (1959), Oliveira de Azeméis, é o maior fornecedor mundial, e o maior produtor da EU para BMW, Volkswagen, Mercedes, Renault, Opel, Peugeot entre outras marcas segundo Conceição Antunes em «Estudo: o que fazemos bem: Campeões nos moldes» *Expresso*, Lisboa, 20 Abril 2013, cad. economia, p. 22, ocupando posição 16º num elenco de 40 produtos de excelência na indústria portuguesa, seguindo o mesmo estudo citado.

Não foi a única, pois a Karmann Ghia de Portugal (Vendas Novas), descendente de produtora de estofos para Autoeuropa é hoje em dia um dos produtores de estofos para as principais marcas europeias americanas e japonesas de automóveis e foi distinguida pela Recaro Aircraft Seatings na condição de um dos melhores fornecedores de estofos das principais companhias aéreas mundiais: Air France, Tap, Alitalia, Air China, Lufthansa, Quatar, Virgin Atlantic entre outras, segundo Filipa Tavares e J. F. Palma Ferreira, em «Estudo: o que fazemos bem: alfaiate de aviões» em *Expresso*, Lisboa, 25 Maio, 2013, cad. economia, p. 20, ocupando 23ª posição em elenco de 40 produtos de excelência na indústria portuguesa, seguindo estudo da referida consultora.

3-O desafio colocado pela economia de escala é perseguido por empresas portuguesas com forte capacidade exportadora por excelência; potencia os vários clusters, nos quais Portugal se vê reconhecido internacionalmente (vidro, têxtil, pasta de papel, cortiça, alimentação, indústria farmacêutica e química) devido à injeção de valor acrescentado conquistada; por isso destaca-se:

-Barbosa & Almeida – produtora de referência de embalagens de vidro para as grandes multinacionais como Coca-Cola, Pepsi, Nestlé, InBev-Budweiser, ou produtores de vinho franceses, espanhóis, portugueses e de cerveja de referência na UE detendo 20% da cota do mercado ibérico e exportando 62% da sua produção, para a qual contribuem duas fábricas suas na Polónia de acordo com Conceição Antunes «Estudo. o que fazemos bem: Vidro que vai longe» em *Expresso*, Lisboa, 4 Maio 2013, cad. economia, p. 27, propedêuticas ao acesso da B&A ao núcleo dos cinco melhores produtores europeus, ocupando posição 18ª de entre os 40 produtos de excelência na indústria portuguesa, seguindo o estudo da consultora Augusto Mateus e Associados para o *Expresso*.

-Mundotêxtil, responsável por 30% da quota de mercado de felpos na UE, exporta, a partir de Vizela onde se situa a maior fábrica do género em toda a EU, 98% da sua produção para França, Áustria, Holanda, Alemanha, Noruega, Reino

Unido, absorvendo os EUA 39% das suas vendas, que também se destinam a clientes da também gama alta e média alta: Japão, China e Coreia do Sul e América Latina; contudo esta empresa não deixa de, em consórcio com produtores de algodão e industriais de Moçambique e também com outros parceiros – Mundi-fios -, estender a produção de fio de algodão e felpos para a África Oriental com a Mozambique Cotton Manufacturers para fazer frente à concorrência asiática, esperando aumentar em 13% o crescimento das suas vendas, de acordo com Margarida Cardoso, em «Estudo: o que fazemos bem: um mundo de toalhas» em *Expresso*, Lisboa, 16 Março 2013, cad. economia, p. 30, ocupando posição 11ª em universo de 40 produtos de excelência na indústria portuguesa, atendendo ao estudo supra.

– Altri, detentora da Celbi, Celtejo e Caima, responde pela produção de 900 mil toneladas de pasta de papel em 2012, 90% das quais exporta para a UE e Ásia (30 mercados) sem igualmente deixar de inovar ao pretender aplicar a sua produção de pasta de papel à indústria têxtil na China, em A. Ferreira, «Estudo o que fazemos bem» o segredo está na pasta» *Expresso*, Lisboa, 2 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 23, ocupando o 5º lugar em 40 no estudo da Augusto Mateus e Associados.

– Amorim Cork Composites desempenha no universo quer da Corticeira Amorim, «líder mundial na transformação de produtos de cortiça», quer dos 40 produtores eleitos pela Mateus e Associados, como 27º/40 mais relevante parceiro da economia nacional, papel de eleição ao exportar 90% da sua produção, a qual resulta de investigação e inovação dirigida à aplicação dos aglomerados de cortiça à indústria automóvel (juntas de motores, VW, BMW), construção civil (construção antissísmica), calçado (moda e ortopedia), aeronáutica (Embraer) e aeroespacial (Nasa e AEE), Transportes (Siemens -Metro de última geração de Varsóvia – linhas férreas), desporto equestre (ferraduras. França) na busca de ampliação do mercado pelo acréscimo de mais valor à matéria-prima nacional, em Margarida Cardoso, «Estudo: o que fazemos bem: cortiça em Hollywood», *Expresso*, Lisboa, 29 Junho, 2013 cad. economia, p. 35.

– Sugallidal, líder europeu de concentrado de tomate, não só faz de Portugal o quarto maior exportador mundial como o potenciador da investigação científica com vista a aumentar a produção portuguesa (95 t/ha) de tomate e a superar os valores ímpares conseguidos nas explorações californianas (110t/ha) segundo V. Andrade, «Estudo: O que fazemos bem: concentrados de tomate», *Expresso*, Lisboa, 23 Fev. 2013, cad. econom, p. 20, ocupando o 8º lugar em 40 de acordo com a Augusto Mateus e Associados.

– Bial, na área farmacêutica, após ter licenciado a 2ª patente de medicamento português; com «Opicapone» (contra a doença de Parkinson) continua quer o

trilho iniciado com «Zebenix» (no tratamento da epilepsia) quer a entrada em área ocupando 22% do mercado mundial, dedicando 50% do seu volume de vendas à exportação, segundo Ana Sofia Santos, «Bial à conquista do mercado japonês», *Expresso*, Lisboa, 20, Abril, 2013, cad. economia p. 16.

-Mistolin, indústria familiar de produtos de higiene e limpeza doméstica (60%) e industrial, consegue afectar 95% da sua produção ao seu portefólio de 280 referências, destinadas em 40% à exportação sobretudo para a África lusófona e francófona, Norte de África, Arábia Saudita – e, em perspectiva, China em Margarida Cardoso «Fábrica de detergentes quer entrar na China» em *Expresso*, Lisboa, 10Novembro, 2012, cad. Economia, p. 26.

4-De mencionar também o desempenho na produção agro-pecuária recuperando linhas de planeamento estratégico traçadas nos anos setenta como aconteceu quer com o porto de Sines (cuja ligação à Europa estava já desenhada em direcção ao centro da Europa) quer com a barragem do Alqueva cuja projecto de exploração hidroeléctrica e de irrigação já estão a permitir a transformação do perfil da exploração agrícola alentejana adjacente de sequeiro para regadio potenciando a produção de cereais, de frutícolas e hortícolas, em Clara Ferreira Alves, «Henrique Granadeiro: “Sabemos tudo como reformar o Estado”» *Expresso*, Lisboa, 23 Fevereiro, 2013, Revista, p. 38 que, associadas à indústria transformadora contribuirão para maior auto-suficiência alimentar de Portugal que em 2012 produzia 90% do azeite, 90, 6% da carne de galináceos, 108, 6% do leite, 103, 4% do arroz, 85% das hortofrutícolas, 86, 7% do pescado, 67, 8% da carne de suíno necessários ao consumo nacional e que seguramente saberá cativar as suas potencialidades para aumentar a sua produção de «commodities» nas quais é deficitário como o milho (34%) e outros cereais (25, 3%), Vítor Andrade, «Portugal está menos dependente do exterior para se alimentar» *Expresso*, Lisboa, 22Junho2013, cad. economia, p. 8. Comprova-se assim a contribuição dada pela PAC da UE, (nestes últimos 25 anos segundo Capoulas Santos), para que Portugal pudesse reduzir o seu défice alimentar em 12, 5% visando o défice zero em 2020 e esforçando-se por ajudar a aumentar em 50% a produção alimentar mundial até 2050 de acordo com taxa de 65% de execução do Proder com vista ao aproveitamento total dos fundos europeus, segundo a actual Ministra da Agricultura de Portugal, V. Andrade, op. cit., p. 9.

5-Nas várias especialidades, a engenharia portuguesa recebe o reconhecimento internacional devido ao investimento, via recentes gerações, no nicho:

a– das telecomunicações portuguesas, enquadrado por exemplo no grupo PT Inovação – inventor de «o sistema pré-pago usado em 60% dos serviços móveis mundiais» – que contribui desde há vinte anos para que na UAveiro se venha desenvolvendo núcleo magnetizador de empresas como a Nokia Siemens, agora

vendida à Coriant que mantém os 85% de engenheiros portugueses no quadro dos seiscentos integrados, com o objectivo de torná-la, através da tecnologia de ponta em redes ópticas, em desenvolvimento no respectivo centro português de Investigação e Desenvolvimento, a líder mundial e das empresas detidas pelo grupo nos EUA, China e Alemanha, J. Ramos, «Redes ópticas da NokiaSiemens com novo dono», *Expresso*, Lisboa, 11 Maio 2013, cad. economia, p. 19. Foi justamente a PT Inovação quem, sob a liderança do CEO da PT, o português Zeinal Bava, acaba de aceder, ao lado de outros fabricantes mundiais de tecnologia de comunicações como Cisco, Tellabs, Ciena, Omnitron, Huawei, ou RAD Data Communications, à certificação da tecnologia presente na rede móvel 4G (100milMbs) de banda larga indispensável ao acesso à «cloud computing» e a serviços como ensino à distância e telemedicina: Carrier Etherneth2. 0, J. Ramos, «Aveiro outra vez na vanguarda» *Expresso*, Lisboa, 16 Fev. 2013, cad. economia, p. 15.

b-da aeronáutica; através do Centro para a Excelência e Inovação na Indústria Automóvel no desenvolvimento do cálculo estrutural, testes e apoio à certificação de carenagem e portas do trem de aterragem e do leme de profundidade do avião cargueiro KC-390 a lançar em 2014 e de coprodução brasileira, argentina, chilena, colombiana, checa e portuguesa com vista a concorrer com o modelo americano Hércules C-130; importante assinalar a alavanca representada pela CEIIA, subcontratada de Empresa Engenharia Aeronáutica coordenadora do projecto KC-390, integrando consórcio, que estabeleceu joint-venture com a Embraer(Brasil), e fazendo com que a CEIIA-Brasil facture os mesmo 15 milhões que em Portugal ao desenvolver a fuselagem central da aeronave; assim potencia as capacidades da engenharia portuguesa ao fazê-la aceder a licenças para integrar projectos desta dimensão, levando quer à superação dos 60% de incorporação nacional quer ainda à projecção de empresas nacionais neste mercado internacional tão competitivo e conservador, Margarida Fiúza, «Engenharia portuguesa marca pontos no Brasil», *Expresso*, Lisboa, 13 Abril 2013, cad. economia, pp. 16-17.

Constata-se estar Portugal no trilho certo ao tentar manter o investimento em investigação com 1, 5% do PIB e com vista a atingir os 3% em 2020 fazendo jus ao trabalho de 50 000 investigadores (45%mulheres) nacionais e estrangeiros (7%) responsáveis por 165 patentes internacionais vantajosas para as empresas que as patrocinaram numa percentagem (50%) muito superior à de há trinta anos atrás (20%) segundo as palavras de Mariano Gago – anterior ministro para a Ciência e Ensino Superior, V. Azevedo, «Região centro pode dar um salto tecnológico», *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013, 1.º caderno, p. 33.

6 – A explorar:

a – o saber integrar-se em fileira industrial, na qual as empresas acrescentem valor à escala global criando riqueza diferenciadora e deixando de funcionar

como contribuinte para o valor final de outros sem saber como estar presente no exterior, para implementar o círculo virtuoso da exportação favorecedora do nosso crescimento e não do crescimento de terceiros. Augusto Mateus, antigo ministro da economia, é peremptório: «Para podermos crescer mais e gerar mais emprego temos de investir mais no exterior.», Sónia Lourenço, J. Figueiredo «Prioridade aos países em crescimento», *Expresso*, Lisboa, 4 Maio 2013, cad. economia p. 16, promovendo a exportação para destinos fora da UE (75%: 2010, 71%:2012) porque em 2012 os destinos espanhol de 22, 5% e alemão de 12, 29% ou mesmo francês 11, 83% das exportações portuguesas terá de ser revisto em função de alternativas como a chinesa, angolana, indiana, mexicana ou russa em virtude do crescimento do PIB previsto para 2013: 8%, 6, 2%, 5, 7%, 3, 4%, 3, 4%, respectivamente, Sónia Lourenço e J. Figueiredo, «Prioridade aos países em crescimento», *Expresso*, Lisboa, 4 Maio 2013, cad. economia, p. 16.

A engenharia portuguesa continua a ser reconhecida internacionalmente, restando-lhe apenas saber organizar-se e competir sob a forma de «unidades de engenharia que forneçam serviços aos grandes conglomerados industriais como a Daimler» dispostos a tal por ser-lhe reconhecido, como o CEO Mercedes Portugal Carsten Oder declara ver, «enorme potencial nos engenheiros portugueses» em entrevista intitulada «Queremos engenheiros portugueses» a J. Palma-Ferreira, *Expresso*, Lisboa, 9 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 24, tal qual em 9 Maio 2013, C. Melo Ribeiro CEO Siemens-Portugal em conferência intitulada «Siemens-Espírito Pioneiro: Contribuição para o desempenho da economia portuguesa», FCSH-UNL, 9 Maio, 2013.

b – a visão estratégica, como o fez, Américo Amorim cujo querer o tem levado a continuar a lição dos antecessores e acaba de investir nas refinarias de Sines e Porto para que a Galp Energia – de capitais maioritariamente portugueses – venha a produzir tanto petróleo, quanto o que refina hoje, dentro de sete anos e exporte ca. de 7 mil milhões € acumulando com a produção de gás; os seus negócios estão há quase meio século espalhados também pela Europa de Leste, América Latina e do Norte, China, Angola, Brasil, Moçambique, Médio Oriente e Países Árabes (ca. 38 países) fruto da sua percepção da crise apenas enquanto sintoma de mudança de rumo da economia mundial, à qual só convirá:

- plano estratégico competente baseado no crescimento económico para combater a pobreza,

- controlar os custos e aumento de privilégios em função da criação de riqueza conseguida,

- para continuar defendendo tanto a democracia como condição de vida quanto a contenção como condição dos gastos, entrevista a A. Amorim por J. P. Ferreira, J. Vieira Pereira, *Expresso*, Lisboa 20 Abril 2013, cad. economia, p. 9-11.

Importa por isso Portugal aumentar a actual percentagem de empresas exportadoras: 8,6% ; grandes (0,3%), pequenas (11,9%) e médias(1,8%), Sónia Lourenço, J. Figueiredo «Prioridades aos países em crescimento, *Expresso*, Lisboa, 4 de Maio de 2013, cad. economia, p. 17, invertendo a tendência verificada na primeira década do XXI e assinalada pelo World Economic Outlook-FMI, segundo a qual a economia portuguesa se encontra entre as mais lentas da Europa a par de outras como as espanhola e italiana, porque justamente só com crescimento económico poderá conseguir que em 2030 a dívida pública estabilize em 60% do PIB à medida que conseguir aumentar gradualmente o seu *rating* e conquistar a confiança dos investidores, », João Silvestre, «O mundo uniu-se para nos tramar», *Expresso*, Lisboa, 20 de Abril de 2013, cad. economia, p. 8.

7 – Interessará atentar em «Opinião» de José Manuel Fernandes, presidente da Frezite Group (Ferramentas de Corte, Trofa, fundada em 1978), para quem, em «Alemanha é referência empresarial diferenciadora», este país aposta na forte contribuição das PME e sua política exportadora à luz da influência destas na pujança económica de um país exímio na interpretação eficaz da actual globalização e cujos gestores e empresários não descuram a competição entre as empresas que lideram nem «o poder inovador em produtos e processos, em competências com tradição, pesquisa e análise de concorrentes potenciais e complementares e na formação profissional dual». J. M. Fernandes sublinha atenção germânica dada à interacção entre tecnologia, qualidade, prestígio e vendas não em função da quantidade, mas da especificidade tomada como indispensável à diferenciação face à concorrência. O investimento empresarial em engenharia de produtos e processos, definição de objectivos específicos a par da «engenharia» diplomático-cultural assente na proximidade do cliente e sua cultura também ajudarão a explicar não só o retorno económico imediato como mediato através da prática de «empresas pulmão» que funcionam [por exemplo nos novos países da Europa de Leste] «como uma espécie de amortecedor das empresa-mãe na própria Alemanha», *Expresso*, Lisboa, 11 Maio 2013, cad. economia. p. 32.

8 – Bastará emular o modelo alemão? O crescimento económico alemão, Nicolau Santos «Algum dia seremos alemães?», *Expresso*, Lisboa, 17 Novembro, 2012, cad. economia, p. 5, assente também no baixar dos custos de produção internos através de acordos empresariais ou da concertação social e no aumento das exportações, tem sido a prática dos últimos quinze anos ao longo dos quais também soube assimilar os custos da unificação pois o seu crescimento económico entre 1995 e 2005 não foi assinalável, Rui Ramos «A Europa sem dono», *Expresso*, Lisboa, 23 Março 2013, 1.º caderno, p. 33 – embora sob um clima de crescimento, de euro em desvalorização, de financiamento sem restrições como refere N. Santos *op. cit.* p. 5. O paradigma alemão seria emulável para Portugal se a perda de competitividade

da economia portuguesa não se reflectisse em «crescimento medíocre de 0,7% na década de 2000», atestando assim a incapacidade para exportar produtos de alto valor acrescentado, já que é excelente a produtividade de gestores, técnicos e trabalhadores portugueses de empresas alemãs em Portugal (id., *ibid.*).

Procurar simplesmente modelo ajustável ao futuro; ajudaria se como A. Mateus assevera nos encontros Deutsche Bank-Expresso – «Olhar o Futuro», perdermos «medo da competitividade, porque destrói emprego», Adriano Nobre, «A solução para Portugal está na sociedade civil», *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013, 1º caderno p. 28, não sem antes ter denunciado a ausência de «coragem política e técnica para montar essas soluções» contra a crise agudizada pela austeridade asfixiadora de resultados futuros esperados para Portugal (id., *ibid.*). Para o historiador Rui Ramos, o modelo alemão, que inclui igualmente «Estado de direito, onde governo central pode pouco, e uma economia social de mercado, onde o bem estar depende da produtividade» – Ramos, *op. cit.*, 33 – poderia ser incorporado por Portugal que, também para o presidente da Sibs, Vítor Bento, necessitaria de «sociedade civil forte», in A. Nobre, *op. cit.*, p. 29. Soares dos Santos, A. Mateus e B. Meyrelles também advogam ser possível potenciar as capacidades nacionais, sejam adoptadas nas próximas décadas: «cultura de mérito, criação de *think tanks*, novas culturas de trabalho, investimento, poupança, responsabilidade» conglomerando «austeridade inteligente», segundo A. Mateus. O próprio presidente do Deutsche Bank-Portugal, B. Meyrelles, é peremptório: sendo o seu país «bem visto lá fora é um país com muito potencial», carece «mudar de modelo de governação», uma vez que o fracasso de Portugal enquanto país europeu não agradaria à Alemanha, porquanto em contexto de globalização, isolado «ninguém seria relevante» – agora para V. Bento – no confronto com os EUA e a China, confronto no qual, segundo Meyrelles, «os germânicos querem liderar a Europa» in A. Nobre, *op. cit.*, p. 29.

Será afinal necessário «importarmos também da Alemanha políticos, juizes, gestores, sindicalistas e outras profissões que garantam o bom funcionamento das instituições?» pergunta-nos N. Santos, *op. cit.*, p. 5.

Algo mais estará iminente, quando a Alemanha «não sente poder para disciplinar a Europa do Sul, caso a livrasse da pressão dos mercados, nem capacidade para sustentar os previsíveis desmandos mediterrânicos, caso aceitasse a mutualização das dívidas. (...) em 2012 exportou mais para o Reino Unido do que para Itália, mais para a Suíça do que para Espanha, mais para Singapura do que para Portugal, mais para Taiwan do que para a Grécia, Ramos *op. cit.* p. 33. ^[33]

³³ Contudo justamente devido ao decréscimo económico no seio da UE e ao crescimento exponencial de países emergentes como os BRICs, a UE e os EUA, como produtores de um terço

do comércio e de metade da riqueza mundiais, acarinham o incremento da «maior zona de comércio livre do mundo» capaz de gerar crescimentos de 0,5% e o, 4% do PIB da EU e EUA respectivamente, também com o objectivo de quer combater o desemprego e desmantelar a instabilidade social e política adjacentes quer obviar à conquista de influência dos «Emergentes» sobre os Ocidentais, por via da compra da dívida soberana destes, reforçando deste modo a globalização face aos «grandes blocos económicos regionais -N. Santos «Uma nova ordem económica mundial» in *Expresso*, Lisboa, 16 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 5.

A Portugal, apesar dos manifestos défice orçamental 6,4% do PIB, 41% do PIB de receitas públicas, 47,4% do PIB de despesa pública e de 123,6% de dívida pública verificados em 2012 pelo Instituto de Direito Económico e Fiscal (IDEFF) e da expectativa de continuar pelo quarto ano consecutivo em recessão, – Nicolau Santos «O Pós-Troika é manifestamente exagerado» em *Expresso*, Lisboa, 25 Maio 2013, cad. economia, p. 5 –, restaria, em ponderação, fomentar o investimento europeu de longo prazo tipo alemão estimulador de tecnologia nacional e empresas-satélite, como o verificado também com o brasileiro potenciador do cluster aeronáutico português ou mesmo chinês já em actividade no centro de I&D da REN, – N. Santos «Investimento: Nem todo é igual» em *Expresso*, Lisboa, 2 Março 2013, cad. economia, p. 5 –, persistindo assim na zona € e contrariando o pessimismo só vislumbrando desemprego, empobrecimento e incapacidade para superar os 2% de PIB em produção industrial como denuncia J. Ferreira do Amaral citado por N. Santos em «Ficar ou sair do Euro, eis a questão decisiva», *Expresso*, Lisboa, 29 Março 2013 cad. economia, p. 5.

A Portugal interessaria negociar fundos de Bruxelas previstos no «novo quadro comunitário para incentivar o investimento e tentar a reindustrialização do país», a par da negociação da extensão do prazo de pagamento dos empréstimos e da angariação de solidariedades a Sul da Europa com vista a responder à austeridade cega vindo do Norte, – N. Santos «E sem sair do Euro, há alternativa?» em *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013 cad. economia, p. 5 –, corroborando política de expansão orçamental e responsabilidade solidária a Norte sem recusar austeridade moderada a Sul, para que extensões das maturidades dos empréstimos não os transformem em perdão da dívida e se desvirtue o entendimento político na UE tendente para política económica comunitária como defende Wolfgang Munchau editor e colonista de «Financial Times» e fundador do «Financial Times –Deutschland» em entrevista a J. N. Rodrigues «Portugal vai precisar de um segundo resgate» in *Expresso*, Lisboa, 20 Abril 2013 economia, p. 9.

Ao Sul deficitário competiria levar a Alemanha a promover tanto a austeridade excêntrica quanto a liderança na cooperação não apenas para acalmar os investidores, mas sobretudo para não provocar a estagnação da democracia, sejam as eleições ganhas ou não pela Chanceler Merkel, assim adverte Peter Temin, professor emérito de MIT, Cambridge, Boston, em entrevista a Jorge N. Rodrigues, *Expresso*, Lisboa, 6 Abril, 2013 cad. economia, p. 10 – preocupado com este «fim do século americano» assinalado pela presente crise; Kenneth Rogoff professor de Harvard-EUA avisa igualmente, em entrevista a Jorge N. Rodrigues, acerca da estagnação de crescimento na Europa causadora de recessão continuada, não do crescimento esperado, mas simultaneamente do perigoso «estado de excepção dos desenvolvidos»; Rogoff defende política de «repressão financeira», i. e. «juros mais baixos (...), Garantias implícitas dadas pelo BCE (...)» entre outras medidas em *Expresso*, Lisboa, 16 Março 2013 cad. economia, p. 21, com a ponderação dos que reconhecem que as econo-

II

Aspectos: Conexos

1-Na verdade, a Europa tem vindo a pugnar pela preservação dos seus cerca de 500 milhões de habitantes organizados num dos maiores blocos comerciais do mundo, que defende os direitos laborais e de cidadania dos seus concidadãos sob forma de sistema democrático politicamente organizado.

Todavia este bloco político-comercial tem-se confrontado ultimamente de forma mais global com a crise e suas facetas: política, económico-financeira e social à medida que as liberdades e o bem-estar conquistados depois da II Guerra Mundial têm provocado o confronto entre o tempo presente – o futuro sonhado das gerações que lutaram pelo milagre económico e de bem-estar agora exausto para muitos – e o tempo futuro de bem-estar imprevisível para as gerações emergentes esperando aceder à sua quota-parte de contribuição para os direitos, liberdades e garantias transmitidos com que cresceram e cuja difícil manutenção se acentua tanto mais quanto outros parceiros irrompem pelo mercado via porta financeira, científica, comercial aumentando competitividade e concorrência nem sempre segundo regras claras e universalmente reconhecidas. A crise da Europa cifrada em termos de défice, dívidas soberanas e estratégias técnicas para a sua resolução segundo conserto comunitário, levá-la-á a tomar consciência quer do momento de mudança em que se encontra quer do grau de solidariedade a perseguir para não perder a coesão entre povos credores e devedores, favorecidos e desfavorecidos em função do tipo de modelo de sobrevivência, pelo qual pretende optar para realizar a paz económica-social-política no seu seio^[34].

mias de uns são bem cobiçado em momentos históricos, nos quais a História de alguns se presta ajustadamente ao que aconteceu a Portugal:

1 – fundos comunitários tentadores,

2 – desincentivação do fortalecimento de capitais próprios

3 – crédito bancário a taxas tentadoras para aquisição de bens mobiliários, imobiliários e outros

4 – PAC de tutoria dirigida, – em N. Santos «Fartos do discurso da culpabilização», *Expresso*; Lisboa, 19 Janeiro 2013, cad. economia, p. 5.

Da Grécia dos «clientelismo, falta de transparência e dos recursos mal investidos», advirá lição europeia por George Papandreou, entrevistado por L. Meireles, sintetizando magistralmente: «A Europa está a mudar (...). Para sobreviver, tem de ser apropriada pelos povos ... e aprender a ouvi-los.» em *Expresso*, Lisboa, 9 Fevereiro 2013, 1ºcad. p. 43.

³⁴ Cf. U. Beck, *A Europa Alemã – De Maquiavel a Merkiavel: Estratégias de Poder na Crise do Euro*, Lisboa: Edições70, 2013, pp. 56; 62-4.

A Europa confronta-se com os fundamentos da modernidade conquistada pelo modelo económico perseguido e seus efeitos secundários emergem antes sob forma de «catástrofe» iminente; procura definição de novas formas de relacionamento entre países abastados e necessitados, para os quais o vínculo federativo poderia ser uma alternativa a ponderar desde que qualquer ajuda solidária não reenvie o auxiliado para o estatuto de protectorado provocando disfunção democrática quer neste, quer no estado protector, quer na própria confederação europeia.^[35]

A Europa sabe afinal da ameaça global e quem a provoca, sem que lhe seja permitido estabelecer delimitação física – por esta ser de impossível definição, tão impossível quão fácil, no passado, se estabeleciam física e geograficamente as fronteiras entre povos inimigos ou estratos sociais antagónicos. Porém hoje em dia, a crise também aproxima os povos, sobretudo europeus justamente por o estigma da guerra ter sido banido do espaço material ainda que se tenha transferido para lugar imaterial, de evidência porém manifesta. A estreita interdependência entre nações torna tão catastrófica a cisão que toda a forma jurídica atenta minuciosamente cuidada pelo juízo internacional pouco pode fazer. Qualquer medida pragmática arrisca-se a acelerar a consequência: fracção tão fraticida quanto cautelosa que assim provoca pelas mesmas razões, o contrapeso compensatório: a Europa comunitária aguarda em paciência a percepção unânime desta consequência evidente para todos, da qual emergirá opção superadora. Se a guerra funcionou como estímulo de acção superadora do desconcerto comunitário – como aconteceu no passado – hoje em dia a globalização potenciada pela queda dos regímenes totalitários a Leste e sua abertura aos modelos económicos ocidentais constitui esse estímulo para acção superadora da crise europeia. As nações europeias, habituadas à função da guerra como reagente para a coesão do estado nacional colocam-se hoje perante o dilema acerca da oportunidade de nascimento de estado comunitário, porquanto de difícil definição o inimigo que lhes provoca a ruptura sócio-económica. Antes que o colapso catastrófico se abata, encontra-se a Europa, interpretando a crise, em demanda de forma de união em cujo seio a ordem social e política não se subsuma em estados nacionais fraticidas, mas fraternos, no seio dos quais os pilares: razão, direito e estado valham para o oceano temporal: XXI e para o espacial: transcontinental e além universo constitucional nacional^[36]. Resultará a crise, que perpassa por toda a Europa, da vigilância constante praticada pela robusta economia, a alemã, ou da inatenção das hoje em dia mais frágeis economias restantes? Resultará o temor

³⁵ Cf. U. Beck, *op. cit.*, pp. 58; 64.

³⁶ *Id.*, *ibid.*, pp. 57-8; 54.

havido à economia alemã de si própria ou das meras circunstâncias de que os seus líderes souberam tirar partido?

A solução alemã havendo radicado na observância da austeridade no seio das suas comunidades germânicas e em particular na aplicação de tal postura autóctone às do seu Leste, é naturalmente tida, sobremodo pelas elites europeias, como a solução eficaz em termos regionais, nacionais e comunitários, pois o rigor implicado justifica a ajuda pedida, a cooperação oferecida, o vínculo de interdependência vital à coesão comunitária e necessário à transnacionalidade sonhada dentro e fora da UE. ^[37]

Porém, os riscos tangentes à memória e propedêuticos ao vislumbre de desenhos hegemónico-imperiais originam a prudência, mais do que na concessão dos créditos, ou no pagamento destes e seus juros, na definição das maturidades dos empréstimos – qual forma historicamente corroborada de reconhecer a longevidade quer à palavra quer à disputa – para fazer respeitar os valores respectivos – não os benefícios imediatos já que os mediatos jamais sairão desvelados em tempo útil. Obviam assim as nações de segunda, carentes de ajuda alemã ou comunitária, ao equilíbrio financeiro exigido por iminente o esmagamento e domínio pelo dinheiro alemão e as de primeira, as protectoras, ao perdão subreptício e tácito por prolongamento do pagamento da dívida^[38].

A Europa sente afinal ser necessária a solidariedade. Denunciam-na os carentes desta exigência austera, procurando para si mais investimento magnetizador da oferta de vontade e obra prospectivas. Exigem em troca os abastados o compromisso constitucional que garanta a coesão comunitária, promovendo, em espaço nacional, a recuperação de consciência política nacional confirmante de liderança com política interna social-democrática e neo-liberal externa. ^[39] Pobres devedores, a Sul, acusam fracassos da austeridade; prestamistas ricos, a Norte, proclamam virtudes da cooperação escamoteando controlo e domínio indispensáveis a sobrevivência futura em comunidade. ^[40]

A virtude do Norte corre o *risco* de tornar-se vício, a Sul; o vício do Sul poderá converter-se em virtude, a Norte. A solução estará na União ou seja, na união de valores que em latitudes diversas poderão ter valor profícuo diferente do original.

A condição trágica vivida pela UE hoje não irá cambar em catástrofe amanhã, pois o risco identificado comporta a compreensão da alternativa futura. Porquanto

³⁷ Id., *ibid.*, pp. 68; 74-5.

³⁸ Id., *ibid.*, pp. 73; 71.

³⁹ Id., *ibid.*, pp. 69; 74.

⁴⁰ Id., *ibid.*, pp. 77-8.

a austeridade aplicada pela Alemanha aquando da sua unificação, cujos resultados auspiciosos se constatarem, não se poderá aplicar, automaticamente, à restante comunidade europeia tão só por as condições da economia global serem diversas. Também por dificilmente se aceitar à Alemanha estatuto de mestre-escola de solução universalista reconhecidamente válida. A Europa, de desígnios originalmente económico-políticos, terá servido a união dos povos europeus pela paz, democracia, liberdade e capitalismo e para que tal continue a acontecer após a unificação germânica, outro modo de encarar os anteriormente tomados como inimigos e agora apenas parceiros e vizinhos terá de ocorrer.^[41]

Desde que no «Outro» seja respeitada a alteridade enriquecedora da diferença a UE poderá beneficiar da potenciação de orçamentos, constituições e tratados europeus, impostos únicos sobre empresas, fortunas ou empórios transnacionais^[42] (Beck:104-6) não apenas por interesses calculados para manter a defesa perante acometidas extraeuropeias. Mas tão só por respeitar os desígnios dos seus cidadãos^[43] (Beck; 91-3) que beneficiam da promoção do encontro cosmopolita em espaço comunitário e transcomunitário abertos à compreensão filantrópica, internacionalista: nem paternalista nem hegemónica.

A Europa terá de converter-se ao princípio elementar da «nova» soberania reconhecida aos cidadãos, mais do que às instituições como forma de activar a modernidade em globalização.^[44]

Trata-se simplesmente de, tomado o cidadão na sua vertente moderna e cosmopolita, reconhecer-lhe a mais-valia própria da sua época inerente à solidariedade imposta pelas condições da globalização. O risco de indigência ameaçador de número de cidadãos europeus cada vez maior, acaba por oferecer a solução: consolidação de consciência transnacional capaz de fortalecer uma cidadania activa transcomunitária que garanta UE da equidade e não da iniquidade social, do equilíbrio e não do desequilíbrio orçamental, na qual a equidade acabe afinal, em reconciliação e não irreconciliação política, decisão sensata, não precipitada.^[45]

⁴¹ Id. *ibid.*, pp. 81; 86.

⁴² Id., *ibid.*, pp. 104-6.

⁴³ Id., *ibid.*, pp. 91-3.

⁴⁴ Id., *ibid.*, pp. 43; 57. Poder-se-á aceder a explicitação destes princípios – Europa «cosmopolita» e «dos cidadãos» através de conferência, seguida de debate, proferida por U. Beck em *London School of Economics* intitulada «German Europe: are there alternatives ?» e cujo podcast está disponível em: <http://www.lse.ac.uk/newsAndMedia/videoAndAudio/channels/publicLecturesAndEvents/player.aspx?id=1854>.

⁴⁵ Id., *ibid.*, pp. 75; 88-9.

A urgência de uma união política-orçamental em interdependência, segundo a qual os estados mais poderosos negociariam com os menos poderosos em igualdade de circunstâncias nascerá naturalmente. Porque consequente à interacção entre cidadão e estado: a lição deste quase decénio e meio do XXI. A crítica e manifestação «marginal» aos canais institucionais criados, assumindo-se veículos de canais transnacionais, será o garante dos povos e suas culturas perante a transferência de soberanias nacionais, porque a cultura «regional» será o garante do interesse cosmopolita, por muito que as transacções comerciais sejam central e fiscalmente sancionadas. Finanças e fisco terão administração institucionalmente centrada, permanecendo a embaixada cultural, científica ou técnica de velocidade mais reduzida que aquela na «região» mais ajustada aos resultados visados e assim promovendo o entendimento harmónico com o «Outro», seja este interior ou exterior à Europa.

E Portugal contribuirá mais fortemente para o momento, pelo qual a Europa passa. O seu préstimo como país ciente da sua história e respectivo valor denuncia a vontade em «se inscrever»^[46] à medida que vai perdendo a sobrançeria «neoriquista», recuperando coragem e auto-confiança necessárias para criar mais investigação científica, e respectiva aplicação ao mercado nacional, supranacional e transeuropeu, com ganhos para o PIB nacional e futuramente europeu como tem acontecido desde a entrada na CEE^[47]. A irresponsabilidade, o incumprimento da lei, a desmotivação, a ausência de compromisso vividos nos últimos decénios^[48] geraram em Portugal maior eficiência e necessidade de afirmação além Europa.^[49]

⁴⁶ J. Gil, *Portugal Hoje, O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água, 2005, pp. 43, 55.

⁴⁷ Não só, por exemplo, o grupo Pestana na área hoteleira, também o Grupo Sonae – Sonae Sierra – detém investimentos na Alemanha; em breve serão três os Centros Comerciais – o de Solingen, juntar-se-á aos de Berlim, e Weiterstadt – propriedade de Sonae Sierra na Alemanha, onde esta participada gere ainda outros cinco perfazendo 10% do volume de negócios – *Expresso*, Lisboa, 3 Julho 2013, cad. economia p. 27.

⁴⁸ J. Gil, *op. cit.*, p. 79; 43.

⁴⁹ As exigências colocadas pela Europa levam a comunidade portuguesa a recuperar o trilho seguido pelas raízes, por decénios apenas em letargia, e que agora se energizam – vindas das mais longínquas distâncias, desde Timor, Índia, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé – em função de ONG's, *joint-ventures*, intercâmbio académico-científico responsáveis por exemplo pelo diálogo entre comunidades ultramarinas e continentais economicamente vantajoso para as partes. A Europa sabe ter em Portugal um pólo avançado no diálogo com estas comunidades acerca do modo de melhor potenciar os seus recursos com mais ganhos para os nacionais e quanto os investimentos destes em Portugal poderão contribuir para o rejuvenescimento da Europa infértil embora técnica e cientificamente ansiosa por disponibilizar os seus saberes. A língua portuguesa continua sendo um território profícuo, através do qual a Europa pretende transcender-se, pelo Brasil, para os

Sobretudo se com a humildade líder na cooperação -, a mesma de que a Europa precisa relembrar-se quanto necessitou da periferia para exportar o que produzia com sucesso (com a mão-de-obra importada de) para os países da periferia – se lembrar, como a Alemanha, de quanto deve igualmente considerar a sua «capacidade de ajuda» para com os estados da periferia como algo de «indispensável» à «superação da crise» sem padrões nem modelos exclusivamente germânicos, mas com «empatia» e «solidariedade», segundo o antigo chanceler H. Schmidt.^[50]

2 – A Europa passa hoje em dia por momentos de crise.

Assim se compreende a necessidade de em dois anos se chegar a um acordo de comércio livre entre a EU e os EUA aproveitando a maior zona de comércio livre do mundo cujas vantagens poderão ser exponenciais se abolidas barreiras alfandegárias, regulamentações técnico-burocráticas para produtos agrícolas, industriais e serviços sob o mesmo perfil técnico-científico ao longo das negociações da Parceria Transatlântica de Investimento e Comércio (Transatlantic Trade and Investment Partnership) já iniciadas e sustentadas por estudos visando ultrapassar a crise económica vivida pelos dois lados do Atlântico criando assim emprego e investimento já que «(...) EU is the biggest market in the world. It is the largest importer of manufactured goods and services, it has the largest stock of investments abroad and it is the world's largest host of investments by foreign firms. The EU is the biggest investor in the US (in 2011), the second largest destination for US exports of goods (in 2012) and biggest market for US exports of services (in 2010).»^[51]

Importará fazer com que as conjecturas de J. Stiglitz em «Pensamento não convencional» em *Expresso*, Lisboa, 13 Julho 2013 cad. economia p. 24 – não se verifiquem e os benefícios não aconteçam apenas em termos de grandes empresas de ambos os blocos. A ordem de grandeza e tipo de produtos envolvidos assim como o estímulo ao proteccionismo gerável poderá toldar as ideais vantagens para trabalhadores da UE e USA quer em termos pecuniários quer em termos de oportunidade de trabalho, segurança e protecção do meio ambiente por exemplo.

recursos dessas regiões sob gestão em língua portuguesa. Mas também sabe estarem esgotados os modelos exportados pelo velho continente, porquanto é gigantesco o número dos que aguardam pelo usufruto de direitos universais de que estiveram privados durante as guerras pela sua soberania e manutenção desta.

⁵⁰ Cf 0. 29'11"; 0. 34' 50"; 0. 46' 35'; 0. 47'. 25" do discurso: «Deutschland in Europa und mit Europa» -proferido em 2011 ao congresso do SPD consultado em 21 Julho 2013 em: <http://www.youtube.com/watch?v=3cINsHRoUBI&feature=related>.

⁵¹ Cf. Transatlantic Trade and Investment Partnership, 28 Jun'13, in <http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ttip/questions-and-answers/>

Por isso o respeito pelos direitos edificados, – os quais se pretende sejam emulados para que linha e tempo de partida sejam tão universalmente aceites quanto os aplausos devidos à chegada a vencedor incontestável –, terá de ter presente a mais valia da harmonia a construir a partir da paz que, das profundas da «diversidade linguística, cultural e social», será trazida com a rede d'«a formação científica» feita «por um certo tipo de aristocracia intelectual» dedicada à ciência e ao estudo de todo o instrumento observando a mais correcta interpretação, desde que isenta de qualquer «mania», e se iluminada por aplicação prático-utilitário da teoria-especulação – faces da moeda –: «génio da Europa», como vem demonstrando Steiner.^[52]

A Europa só tem de preservar este seu património genético, pois sem a sua manifestação o dilúvio da trivialização da materialidade hodierna em ascensão impor-se-ia tão inexoravelmente que ele próprio acabaria por defender o «humanismo secular» apenas como forma de putativo respeito inusitado pelas sabedoria e imaginação criadora apenas circunscritas a elite de missão. Resta-lhe continuar a merecer o apreço de Europeus do XXI cuja «alma humana» não poderá deixar de empolgar para que não perca a esperança de, porque a Europa

⁵² Cf. G. Steiner, *A Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2007, pp. 49; 45. Sublinhamos afinal a natureza deste apreço pela diversidade nascida na e celebrada pela Europa, na qual tudo o que existe tem «escala humana» como afirma G. Steiner (p. 28), quando distingue a Europa de outros continentes como o Americano ou o Australiano pela simples singularidade de qualquer distância, em virtude da respectiva escala humana, poder ser vencida – como o demonstra a História – a pé (id.: 28). Aventa razão – determinante: o tempo – e necessá-ria e suficiente idiossincrasia respectiva: «o tempo histórico humano» (id. *ibid.*). No Continente, a história fez-se a pé – em viagem; o pensamento desenvolveu-se passeando – ou viajando; nada de inabrangível existiria na Europa que não tivesse pé, caminho ou ponte humanos e respectiva inscrição para a posteridade. Em outros continentes, não se estaria seguro quanto ao facto de a paisagem de vastidão, ainda hoje oferecida, ter sido espaço de inscrição humana entregue à posteridade. A escala da Europa será medida por unidades-de-humanidade não objectiva e exclusivamente do gabarito-tipo descritivo-analítico, mas, a par deste, do gabarito-tipo imaginativo-sintético; também será este último, por radicar intrinsecamente no espírito do homem europeu dedicado naturalmente à «vida reflectida» (id., *ibid.*, p. 39), que o espaço originalmente inóspito e vasto passou a ser modulado no respeito pelas matizes condicionantes quer físico-geográficas quer psíquico-geográficas a que a matemática e as artes vieram trazer e oferecer o rigor e o aprofundamento da sensibilidade, respectivamente (id. pp. 38-9). A este propósito atentar no manifesto assinado entre outros por J. Delors, U. Beck, H. Schmidt, A. Giddens, Javier Solana, R. von Weizsäcker intitulado «We are Europa», – 3 Maio 2012 – [consultado Julho 2012] no qual se declara a necessidade de «democratizar» a Europa em função da sua reconstrução assente em sociedade civil europeia em conjunção com a visão das gerações mais jovens e com vista à solução política das questões hodiernas mais quentes – consultável em <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/may/03/bottom-up-europe>.

sempre soube respeitar o ritmo natural da natureza, levar a sua alma ao encontro de futuro plausível^[53].

O modelo agora consignado, em 2004, por Steiner: o do respeito pela «vida reflectida» que conduziria à fundação dos «Estados Unidos da Europa», para E. Queiroz, a erigir de modo a que « (...) dependa menos de um banco central e dos subsídios à agricultura, do investimento em tecnologia ou das taxas alfandegárias comuns (...)», reencontra-se com aquele defendido por Eça jornalista, no qual o respeito pelas ciências históricas, e base das sociais, é fundação essencial diferenciadora dos modelos: europeu e americano. ^[54]

E assim como Eça de Queiroz, em «A Europa em Resumo», destaca «a Europa a parte mais interessante do mundo» por nela se criar com originalidade em virtude de fazer uso da sua imaginação, também século mais tarde H. G. Gadamer confia à arte, à economia, à religião, às Humanidades, diríamos, a missão de influir sobre a realidade como forma de promover quer a condição de europeu quer a coexistência em humanidade da futura humanidade. Tal como Eça de Queiroz, Gadamer sabe e é preempatório quanto ao valor das Humanidades – ciências

⁵³ Terá razão Eça de Queiroz ao enaltecer o modelo de mulher outro-europeu e ao admoestar para o segredo por desvendar em Portugal quando repara no «pormenor» -mulher portuguesa p. ex. – a que temos acesso sempre que observamos o diferente-presente, pois permite tirar partido deste ensejo para aprofundar o respeito devido ao presente-de-consolidação para o futuro. Sendo este mesmo para a paz e para o futuro do paradigma transcontinental, só aproveitará a todos se puder «a Europa Ocidental (...) ter o privilégio imperativo de produzir, de pôr em prática, um humanismo secular» (Steiner *op. cit.* p. 52) – pelo qual sempre se tem distinguido igualmente.

⁵⁴ G. Steiner, *op. cit.*, p. 48. Eça comungaria do mesmo modelo-émulo de paradigma federalista americano que Steiner não renega desde que o respeito pela diferença potencie a atendida revalorização da Europa tal como Link, quando, no mais humilde europeu de 1799, respeita a diversidade constatada no extremo Oeste-europeu sem deixar de observar como potenciar a cultura autóctone de Portugal. Sendo o estado de «crise (...) a condição regular da Europa», como afirma Eça de Queiroz em 1888 no supracitado artigo intitulado «A Europa» (p. 149), compreender-se-á que defenda uma atitude crítica presbita e naturalmente moderna, porque – como aconselha H. -G. Gadamer em *Herança e Futuro da Europa*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 10, pondere-se o presente em função do futuro –, sublinhando a vantagem do modelo implementado nos Estados Unidos: «lá, está o lado democrático, e sobretudo a grande questão, o ideal económico. » (E. Queiroz, *Prosas Bárbaras*, Porto, 1928, p. 76). A clareza da postura: clara, ao manter a atitude crítica e simultaneamente utilitária e, porque, vindo de um homem de Letras, Humanidades, será ainda mais digna de registo, porquanto reitera a perspectiva de avisados viajantes estrangeiros cujas notas não apenas atestam o «mal» de Portugal como sobremodo o sentido de tal crítica: reformar a realidade, partindo da observação da experiência.

do espírito – para consolidar a consciência histórica de acordo com o vínculo permitido pela via do conhecimento da realidade^[55].

Eça de Queiroz sabia da existência de talentos em Portugal, tal como Link e Lichnowsky nas respectivas épocas^[56]. Afinal todos reiteram o valor da potenciação das elites para promover a generosidade da cultura, território e nação portugueses – quase que subentendidamente aceitando o soberano valor da tolerância^[57], ou insistindo nas reservas a atender aquando de unificações pela erosão de diferenças. Atestam entendimento hodierno, pois, segundo Gadamer, caso a Europa queira sobreviver, pelo e para além Atlântico, não poderá desdenhar inscrever a sua cultura autóctone e assim contribuir para o reequilíbrio global, porque lhe será vital usar a cultura como contrapeso às audácia e exactidão rigorosa das ciências exactas; as Humanidades, as ciências humanas, multiplicando memórias capazes de contribuir para a reinterpretação do real sob os desígnios da humildade^[58], avivariam o quanto o desejo nasce da expectativa, pairando sempre sobre realidade única para aqueles espaço e tempo.

Bibliografia:

Primária:

Eça de Queiroz, *Os Maias*. Lisboa: Livros do Brasil, 2004.

Eça de Queiroz, *Notas Contemporâneas* – fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Cascais, Principia, 2004.

Eça de Queiroz, *Prosas Bárbaras* – introdução Jaime Batalha Reis, Porto, Liv. Chardron, Lello & Irmão, 1928.

⁵⁵ E. Queiroz, *Notas Contemporâneas*, Lisboa, s/d., p. 28; Eça de Queiroz, *Prosas Bárbaras*, Porto, 1928, p. 181; H. -G. Gadamer, *Herança e Futuro da Europa*, Lisboa, Edições 70, 1998, pp. 47; 35.

⁵⁶ Ainda sob a perspectiva de H. -G. Gadamer em *Herança e Futuro da Europa* (p. 48) compreendemos como já o pensamento de dois viajantes oriundos de cortes da Prússia apresentavam toda a sua modernidade, ao promoverem o intercâmbio comercial, quicá também político, defendendo uma Europa, na qual a competição não excluiria o respeito pela especificidade e o intercâmbio entre culturas com vista ao equilíbrio global. Evidente não se tratar exclusivamente de Portugal e da Prússia, mas de (partes de) uma Europa, não encerrada em si mesma. Porquanto a vantagem pela diferença valeria e vale sempre como arma para superar crise enunciada; assim também H. -G. Gadamer, quando enuncia e caracteriza a crise já não como sendo europeia, mas tão somente global, a qual apenas dentro do respeito pelo pluralismo poderia ser ultrapassada (id., *ibid.*,).

⁵⁷ G. Steiner, *op. cit.*, p. 47.

⁵⁸ H. -G. Gadamer, *op. cit.*, pp. 46, 47, 11, 20-1.

Lichnowsky, F. v. *Portugal. Erinnerungen aus dem Jahre 1842*, Mainz, Verlag von Victor Zabern, 1843.

Link, Heinrich Friedrich, *Notas de uma Viagem a Portugal e através de França e Espanha*, tradução introdução e notas: F. Clara, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005.

List, F., *Das nationale System der politischen Ökonomie*. Baden-Baden: Nomos Verlagsgesellschaft, 2008.

Artigos em Periódicos:semanário *Expresso*

1000 Maiores Empresas – edição 2012, Expresso, s/d

Alves, Clara Ferreira, «Henrique Granadeiro: "Sabemos tudo como reformar o Estado" *Expresso*, Lisboa, 23 Fevereiro, 2013, Revista, p. 38

Andrade, V., «Estudo: O que fazemos bem: concentrados de tomate», *Expresso*, Lisboa, 23 Fevereiro, 2013, Lisboa, cad. economia, p. 20.

Andrade, Vítor, «Portugal está menos dependente do exterior para se alimentar» *Expresso*, Lisboa, 22Junho2013, cad. economia, p. 8.

Antunes, Conceição, «Estudo:o que fazemos bem: Campeões nos moldes» *Expresso, Lisboa*, 20 Abril 2013, cad. economia, p. 22.

Antunes, Conceição«Estudo. o que fazemos bem: Vidro que vai longe» em *Expresso, Lisboa*, 4 Maio 2013, cad. economia, p. 27.

Azevedo, V. «Região Centro pode dar um salto tecnológico», *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013, 1ºcaderno, p. 33.

Cardoso, Margarida, «Estudo:o que fazemos bem: um mundo de toalhas», *Expresso*, Lisboa, 16 Março2013, cad. economia, p. 30.

Cardoso, Margarida, «Estudo: o que fazemos bem:cortiça em Hollywood», *Expresso*, Lisboa, 29 Junho2013 cad. economia, p. 35.

Cardoso, Margarida, «Fábrica de detergentes quer entrar na China» *Expresso*, Lisboa,, 10 Novembro 2012, cad. economia, p. 26.

Fernandes, J. M., «Alemanha é referência empresarial diferenciadora», *Expresso, Lisboa*, 11 Maio2013, cad. economia. p. 32.

Ferreira, A., «Estudo:o que fazemos bem: É sempre a abrir» – *Express*, Lisboa, 6 Julho 2013, cad. economia, p. 13.

Ferreira, A., «Estudo: o que fazemos bem: o segredo está na pasta» *Expresso*, Lisboa 2 Fevereiro-2013, cad. economia, p. 23.

Fiúza, Margarida, «Engenharia portuguesa marca pontos no Brasil», *Expresso*, Lisboa, 13 Abril2013, cad. economia, pp. 16-17.

Lourenço, S. «Prioridade aos países em crescimento», *Expresso*, Lisboa, 4 Maio2013, cad. economia, pp. 16-17.

Meireles, L., Entrevista a George Papandreou, *Expresso*, Lisboa, 9 Fevereiro 2013, 1ºcad., p. 43.

- Nobre, Adriano, «A solução para Portugal está na sociedade civil», *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013, 1ºcaderno, pp. 28-29.
- Palma-Ferreira J., «Os alemães são nossos amigos», *Expresso*, Lisboa, 10Novembro2012, cad. economia, p. 18.
- Palma-Ferreira, J. Entrevista a CEO-Mercedes-Benz-Portugal:«Queremos engenheiros portugueses», – *Expresso*, Lisboa 9 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 24.
- Palma-Ferreira, J., «Estudo:o que fazemos bem:Rei da Linha de Pesca» -*Expresso*, Lisboa, 22Junho2013, cad. economia p. 23.
- Palma-Ferreira, J. P. Ferreira, J. Vieira Pereira, Entrevista a Américo Amorim, *Expresso*, Lisboa, 20 Abril 2013, cad. economia, pp. 9-11.
- Ramos, J. «Aveiro outra vez na vanguarda» *Expresso*, Lisboa, 16 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 15
- Ramos, J., «Redes ópticas da NokiaSiemens com novo dono», *Expresso*, Lisboa, 11 Maio 2013, cad. economia, p. 19.
- Ramos, Rui, «A Europa sem dono», *Expresso*, Lisboa, 23 Março 20113, 1ºcaderno, p. 33.
- Rodrigues, J. N., Entrevista a K. Rogoff, *Expresso*, Lisboa, 16 Março 2013, cad. economia, p. 21.
- Rodrigues, J. N., Entrevista a P. Temin,, *Expresso*, Lisboa, 6 Abril, 2013 cad. economia, p. 10.
- Rodrigues, J. N., Entrevista a W. Munchau,, «Portugal vai precisar de um segundo resgate», *Expresso*, Lisboa, 20 Abril 2013 economia, p. 9.
- Santos Ana Sofia, «Bial à conquista do mercado japonês», *Expresso*, Lisboa, 20 Abril 2013, cad. economia, p. 16.
- Santos, Nicolau, «Algum dia seremos alemães?» *Expresso*, Lisboa, 17Novembro, 2012, cad. economia, p. 5.
- Santos, N. «Fartos do discurso da culpabilização», *Expresso*, Lisboa, 19 Janeiro 2013, cad. economia, p. 5.
- Santos, N. «Uma nova ordem económica mundial», *Expresso*, Lisboa, 16 Fevereiro 2013, cad. economia, p. 5.
- Santos, N., «Investimento: Nem todo é igual» em *Expresso*, Lisboa, 2 Março 2013, cad. economia, p. 5.
- Santos, N. «Ficar ou sair do Euro, eis a questão decisiva», *Expresso*, Lisboa, 29 Março 2013, cad. economia, p. 5.
- Santos, N., «E sem sair do Euro, há alternativa? em *Expresso*, Lisboa, 6 Abril 2013, cad. economia, p. 5.
- Santos, N. «O Pós-Troika é manifestamente exagerado» em *Expresso*, Lisboa, 25 Maio 2013, cad. economia, p. 5.
- Silvestre, J. «O mundo uniu-se para nos tramar», *Expresso*, Lisboa 20 Abril 2013, cad. economia, p. 8.
- Stiglitz, J., «Pensamento não convencional» em *Expresso*, Lisboa, 13 Julho 2013 cad. economia p. 24.

Tavares, Filipa, e J. F. Palma Ferreira, em «Estudo: o que fazemos bem: alfaiate de aviões» em *Expresso*, Lisboa, 25 Maio, 2013, cad. economia, p. 20.

Secundária:

Beck, U. *A Europa Alemã –De Maquiavel a Merkiavel:Estratégias de Poder na Crise do Euro*, Lisboa, Edições70, 2013,

Bonifácio, M. F., *D. Maria II*, Lisboa, Temas e Debates, 2007.

Gadamer, H. -G., *Herança e Futuro da Europa*, Lisboa, Edições 70, 1998.

Gil, J., *Portugal Hoje, O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água, 2005.

Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*. Vol. II, Lisboa, Guimarães 1996.

Manique, A. P., *Portugal e as Potências Europeias (1807-1847)*. Lisboa:Livros Horizonte 1998.

SÁ, V., *Lisboa – No Liberalismo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1992

Steiner, G., *A Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2007.

Strasen, E., A. Gândara, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlin, Instituto Ibero-Americano, 1944.

Manuscritos:

Arquivo Histórico-Diplomático MNE

Correspondência Diplomática –Legação de Portugal em Berlim

Caixa 1: 1842-44 – in Arquivo Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros Lisboa.

Conferências:

Melo Ribeiro, C., CEO Siemens-Portugal: «Siemens-Espírito Pioneiro: Contribuição para o desempenho da economia portuguesa», FCSH-UNL, 9Maio, 2013.

Sites consultados:

<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/may/03/bottom-up-europe>.

<http://ec.europa.eu/trade/policy/in-focus/ttip/questions-and-answers/>

<http://www.youtube.com/watch?v=3cINsHRoUBI&feature=related>

<http://www.lse.ac.uk/newsAndMedia/videoAndAudio/channels/publicLecturesAndEvents/player.aspx?id=1854>

<http://www.deutsche-biographie.de/sfz51682.html>